



FOTO: CICERO RODRIGUES

A abordagem pragmática adotada pelo professor transformado em vilão, no seriado, é bem mais motivadora do que os ensinamentos na tradicional sala de aula

Quando o teto se rompe e restos mortais humanos semidigeridos por ácido fluorídrico concentrado caem no chão, o professor de química explica irritado ao ex-aluno, e agora parceiro de crime, que não deveria ter colocado o corpo na banheira para ser consumido pelo ácido. Segundo suas instruções, deveria ter sido usado um recipiente de plástico, que teria resistido à ação daquele substância.

O objetivo da cena, vista por muitos na televisão em um seriado bem cuidado, *Breaking Bad*, pode não ter sido ensinar química, mas, por envolver um personagem carismático, ela transmitiu, querendo ou não, algum conhecimento para os telespectadores. Se, na mesma cena, o professor decidiu explicar didaticamente em um quadro negro as propriedades do ácido fluorídrico, talvez milhões de ávidos telespectadores tivessem absorvido e entendido aquele capítulo da química. Na verdade, outros ensinamentos poderiam ser veiculados ao longo do mesmo seriado, porque o drama central do professor decorre de sua decisão de sintetizar metanfetamina (uma droga ilegal) e vendê-la para resolver sérios problemas financeiros.

Não seria recomendável, naturalmente, ensinar todas as etapas para a síntese e a cristalização da metanfetamina, mas não seria surpresa se esse seriado fizesse resurgir o interesse pela química, um ramo da ciência considerado excessivamente árido por muitos. Fica evidente, no entanto, que a abordagem pragmática adotada pelo professor transformado em vilão, no seriado, é bem mais motivadora do que os ensinamentos na tradicional sala de aula.

Algumas iniciativas semelhantes, que exploram o lado perverso dos alunos, já existem na área da física, outra matéria que afugenta os estudantes, e se baseiam na construção de equipamentos cujo uso prático foge consideravelmente do objetivo das feiras de ciência convencionais. A coleção ‘Science for the evil genius’ (‘Ciência para o gênio do mal’), da prestigiosa editora McGraw-Hill, inclui dezenas de livros com

lições variadas, que poderiam ser classificadas de questionáveis pelos pedagogos, tais como os ‘15 projetos perigosamente loucos para o gênio do mal’.

Embora os livros alertem os leitores sobre aspectos de segurança e avisem que os projetos foram elaborados para ser educativos e divertidos, eles não disfarçam o nítido viés do ‘mal’. Entre os projetos, por exemplo, está a construção de um canhão eletrônico que gera pulsos eletromagnéticos fortes o bastante para destruir circuitos eletrônicos, como os que compõem aparelhos de som. Esse aparelho seria eficaz para interromper, por exemplo, uma festa em que a música ultrapassasse níveis sonoros toleráveis. Infelizmente, o canhão não discriminaria quais circuitos seriam destruídos: dentro de seu alcance, uma pessoa com um marca-passo teria problemas sérios.

Independentemente das considerações sobre o que é ou não politicamente correto, não há dúvida de que a coleção é um sucesso e que continuará se expandindo à medida que o interesse crescer.

Que o conhecimento confere a seu detentor um grande poder não se discute. Vale lembrar a afirmação do austríaco Max Perutz (1914-2002), premiado com o Nobel de Química em 1962, em seu livro *A ciência é necessária?*: os cientistas mudaram nossas vidas mais drasticamente que as estrelas da televisão, os estadistas e os militares. No entanto, a aquisição do conhecimento – e, com ele, o poder – é ainda um assunto polêmico, que há tempos divide educadores e pesquisadores.

Que professor, de qualquer nível do ensino, não ouviu reclamações do tipo: “para que eu tenho que aprender isso”? A resposta, quando é proferida, quase sempre é difusa e em geral acaba frustrando ambas as partes, em especial o estudante mais imediatista. Resta saber se essa nova tendência educativa, pouco canônica, responde à pergunta e tem de fato valor acadêmico. E, sobretudo, por que esse apelo alternativo é tão forte? **CR**

FRANKLIN RUMJANEK

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br